

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º A entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 622	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	24800	12900	5950	120	5 DE ABRIL DE 1896	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela Tr. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Cactano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	46000	23000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Correram-se afinal as negras espessas cortinas, que mal deixavam coar o sol, queahi fóra, por essas ruas, as inundava de luz. Alleluia!

Os sinos repicaram em signal de alegria. Foram-se as trevas. Quarta feira, quinta feira, sexta feira de trevas... e agora Alleluia! Assim fóra sempre, por tão pouco tempo de escuridão!

Pelas ruas caminhavam em grupos as devotas no ruge ruge das sedas, visitando as egrejas. Lá dentro o cheiro do rosmarinho pisado misturava-se ao do fumo do incenso, ao da cera queimada nos mil lumés do throno, em cujo alto a custodia scintillava. Apinhava-se a gente nos adros na confusão das entradas e saídas, e as devotas iam caminhando na piedosa romaria, os dentinhos brancos mordendo amendoas, os olhos baixos n'um relance observando se Lovelace as ia seguindo.

Na egreja escura cantavam-se lamentações no côro, contava-se a historia de Deus, e a pagina mais bella da historia da humanidade. E o órgão cantava, soluçava, gemia, tinha explosões de colera, fremitos de terror, suspiros de desalento.

Nesses tres dias de luto commemorou-se a divina tragedia, o Evangelho contou-nos pela penna admiravel de S. Lucas a historia do martyr do Calvario, desde que o Conselho se levantou e levaram Jesus a Pilatos, até que o sol se escureceu, o veu do templo se rasgou, Christo expirou na cruz e todo o povo se retitou batendo nos peitos.

Sexta feira de paixão. Muitas egrejas fecharam. Cerraram-se as cortinas do throno e apenas meia duzia de velas ficaram alumando a imagem triste da Senhora das Dóres com o coração tresspasado pelas espadas. Christo é sepulto. José de Arimathea fóra ter com Pilatos e pedira-lhe o corpo de Jesus e, depois que o desceu, amortalhou-o n'um lençol e depositou-o n'um sepulchro aberto em rocha. As mulheres voltaram e prepararam aromas e balsamos, mas o sol ia descendo, começara o dia de sabbado e ellas mais nada fizeram, segundo a lei.

Dias de luto, dias de treva. Christo é sepulto.

Trouxera a consolação aos tristes, a paz aos homens, o perdão aos peccadores. De paz e de perdão foram as suas ultimas palavras aos homens e até ao ladrão que lhe dizia que se lembrasse d'elle, quando entrasse no reino celeste, Jesus respondeu: «Em verdade te digo que hoje serás comigo no Paraizo.»

E, porque era bom, mataram-o, e, porque só queria o bem, o povo lhe preferiu Barrabaz.

Está no altar a imagem da Senhora com duas perolas nos olhos. O filho do milagre, o filho estremecido, que ella amamentara atravez os désertos esbraseados de Africa, que seguira passo a passo, que tantos gosos lhe dera, tantos cuidados e dores, viu-o depois tresspasado pelos cravos, pelos espinhos, pelas lanças, e morto, como infame, n'uma cruz, entre dois ladrões.

E' triste a luz na egreja quasi deserta, mas toda se reflecte no aço d'aquellas espadas.

Alleluia! Alleluia!

As mulheres, que no primeiro dia da semana vieram muito cedo ao sepulchro, encontraram revolvida a pedra, mas não encontraram o corpo de Jesus.

Dois anjos vestidos de roupas brilhantes, feitas

nos teares celestes com a luz das estrellas, vendo-as assustadas, com os olhos pasmados postos no chão, disseram-lhes: — «Porque buscaes entre os mortos o que está vivo?»

Christo resurgiu. Alleluia!
E' um tempo feliz, um tempo alegre! Foram tres dias de negra tristeza, tres dias de trevas, como aquellas desde a hora sexta até a hora nona do dia tragico em que o sol prodigiosamente se

occultou, quando o céu imitara a terra no doloroso luto.

Nem os apóstolos quizeram dar credito ao que lhes referiram Maria Magdalena, Joanna, Maria mãe de Thiago, e lhes parecia um desvario. Foi preciso que o proprio Jesus lhes apparecesse, lhes desse a paz, lhes mostrasse os pés e as mãos ainda chagados, comesse a vista d'elles o peixe e o favo de mel que lhe deram.



O CRUCIFICADO — ESCULPTURA DO SR. SIMÕES D'ALMEIDA

Alleluia quer dizer *louvae ao Senhor*. E' uma palavra cheia de luz.

Por isso os sinos repicaram alegres entre childeadas de pardaes na manhã d'esta opulenta primavera!

Vae lindo o tempo. As creanças em ferias animam as ruas e as alegrias d'ellas accordam nas arvores de folhas viçosas os concertos matutinos. Bom tempo é este para ellas, melhor ainda para os paes que tem alvoradas de risos. E' lindo vel-as por essas ruas, por esses passeios, rindo, brincando, chilreando, com as boquitas muito frescas entreabertas para beberem a luz, com os olhinhos pasmados para tudo, cheios de curiosidade, da ansia de saber.

A paschoa é uma grande estação no anno. Já se vêem prenuncios de verão. Aparecem as primeiras cores claras nos vestidos das senhoras, e uma luz suave tinge de cores mais vivas os rostos juvenis; os olhos brilham mais intensamente, o calor dos primeiros dias de sol da primavera penetra até as almas, faz-as sonhar.

Fechou S. Carlos, abrem as portas as praças de toiros. Acabou o inverno, vai começar o verão. Os aficionados principiam já discutindo as primeiras toiradas, os cavalleiros, os matadores que hão de vir de Hespanha, a raça dos toiros, os empresarios que se combatem, as novidades que se esperam. Os mais ricos e viciosos partem para Sevilha onde os atrahem, além das toiradas sempre de primeira ordem, a feira e as festas tão celebres pela sua alegria e notas pittorescas. Os mais pobres esperam com paciencia o que os nossos empresarios das praças de Algés e Campo Pequeno lhes queiram fornecer. Sómente é para desejar que os lavradores se esmerem d'esta vez e não tornemos a ver este anno, como tanta vez no passado, toiradas sem toiros, que é o que ellas foram por mais que pareça absurdo.

Comecem os mais opulentos a bocejar, porque Lisboa se lhes vai tornando insupportavel; mas os pobres alegram-se, já porque os dias mais longos lhes promettem ferias melhores, já porque os divertimentos baratos não deixarão de os tentar nas tardes alegres dos domingos.

A primavera começou esplendida. As olaias são como grandes ramalhetes cor de rosa, levemente arroxados, em que pequeninas folhas verdes já despontam. Os velhos ulmeiros encheram-se de flores e arrebicaram-se de verde suavissimo, o vento sacode-os e as petalas que enchem as alamedas voam com um ruido de guisalhadas. Gorgeiam as aves contentes e as andorinhas passam rapidas sobre os tanques molhando as pontas das azas para amassar o barro com que vão fabricar os ninhos. Ha uma alegria na atmosphera. O verão bate-nos á porta.

Fechou S. Carlos, o que quer dizer que muitos já pensam em ir arrumando as malas para uma proxima partida. A gente rica mudou-se para o theatro D. Amelia, onde a companhia franceza dará ainda alguns espectaculos. A chegada de Marie Kolb, que é sem duvida uma excellente artista, veio dar nova animação áquelles espectaculos.

Para breve annuncia-se a chegada a Lisboa da companhia de Emanuel, um dos tragicos mais celebres da Italia e que só disputa o sceptro a Novelli e a Zaccani. Como primeiro comico acompanha-o Cesar Rossi, uma grande notabilidade.

Vamos novamente ter arte a serio no theatro D. Amelia.

Emanuel tem a fama de ser um dos mais brilhantes interpretes de Shakespeare, sendo o desempenho do papel de Othello a sua melhor corôa. De novo se levantarão discussões acaloradas e á tela virá a interpretação brilhantissima de Novelli, embora discutivel como todas, que tamanho entusiasmo causou na maior parte dos que puderam perceber o feitura artistico e novo, dado pelo grande actor italiano áquelle tigre ingenuo, que soube pela sua simplicidade e heroismo conquistar o coração de Desdemona.

Será esse o grande acontecimento da primavera. O theatro de D. Maria e o do Gymnasio fecharão mais cedo do que o costume, as companhias, que n'elles funcionam devendo partir para o Porto e outras terras da provincia. Entretanto ambos entraram finalmente na maré das rosas, D. Maria com o *João José*, o Gymnasio com o *Hotel do Livre Cambio*.

A companhia do Principe Real tambem parte brevemente, sendo, porém, mais longa a viagem. Mais uma vez vai tentar fortuna ás terras do Brazil, como o fará igualmente a companhia Taveira, que tão bem se deu com a sua viagem do anno passado.

Fechados na sua maior parte os theatros, Lisboa recabirá na monotonia do verão, sol ardente e capilés, capilés e Avenida á noite.

João da Camara



AS NOSSAS GRAVURAS

O CRUCIFICADO

A formosa esculptura, que a a nossa gravura representa, é uma das mais bellas obras da moderna arte portugueza. Revelando um profundo estudo da anatomia humana, constitue uma joia artistica digna do maior apreço.

E' seu auctor o notavel escultor portuguez sr. Simões d'Almeida, distincto professor da Escola de Bellas-Artes de Lisboa, que n'este trabalho mostrou quanto valem o seu talento e estudo.

Esse primor, verdadeira imagem de um altar, mostra o Deus Filho no affrontoso supplicio, e ha tanta verdade n'aquella sua expressão, tão bem observada, que só um grande artista produziria obra igual.

O magno assumpto.— Jesus Crucificado, que os mais notaveis mestres na esculptura e na pintura não cessaram de idealisar, foi mais uma vez estudado e memorado na obra portugueza, que supporta bem a comparação com as obras primas da Renascença. Miguel Angelo estudando furtivamente de noute, no remanso da cella monastica, a anatomia humana nos cadaveres, proluziu o seu extraordinario Christo no crucifixo, cujas linhas severas revelavam a observação dos grandes artistas. O sr. Simões d'Almeida igualmente viu e observou a natureza dando ao Christo as puras formas suaves e harmoniosas.

Na obra portugueza não ha a notar as contracções exageradas que tiram ao Redemptor aquella doçura, celestial, ineffavel que o doce Jesus sempre possuio.

Christo subira o Calvario e com o seu sangue sellou a redempção humana. Elle, o grande dos grandes offereceu de boamente o seu corpo ao sacrificio. E quando a turba ignara, o affrontava com os hediondos insultos, e lhe prolongava as dores e horrores do martyrio. Elle, resignado e meigo, elevava ao Padre Eterno estas palavras de sublime e eloquente exemplo:

— «Pae, perdoae-lhes que não sabem o que fazem».

E o innocente Jesus só mostrava infinita doçura no seu divino rosto magoado.

Mas quantas vezes a propria arte christã se esqueceu da bondade e do amor que elle ensinava e dava á humanidade.

Assim, não é raro vêr representações artisticas dando ao terno Nazareno um rosto contrahido, em contornos taes, que tudo indica menos a sublimidade do Divino Mestre.

Assim, pois, a esculptura portugueza, que reproduzimos na nossa primeira pagina, é uma obra valiosa e bem inspirada.

A esculptura pretende apresentar, é verdade, aquelle instante supremo de immensa e amargurada agonia, em que o grande Justo ergue a fronte para o céu, e entreabrindo os labios deixa escapar docemente, na resignação evangelica a derradeira e ultima prece ao Eterno:

«Meu Pae! Encomendo minha alma em vossas mãos!»

E o Martyr exhalava o ultimo suspiro que, remindo a humanidade, consumou o sacrificio, e a enodoou para sempre com o sangue do innocente.

ECCE HOMO

Da sua varanda, Pilatos indicava ao povo amotinado, o doce Jesus dizendo:

Ecce Homo — eis o homem.

E o povo respondeu:

— *Crucifige, crucifige cum.*

Pilatos procurava incutir piedade n'aquella turba de phariseus:

— Eis o rei dos judeus, disse elle.

E o povo escarnecendo de Jesus, zombando, coroou-o de espinhos e deu-lhe por sceptro uma canna verde.

Eis esse passo da vida de Christ.

A consciencia de Pilatos bradava-lhe no mais intimo do seu sentimento, horrorisava-se da sentença que tinha a dar, e todavia cedendo fraca e passivamente ao vozear da multidão peccadora confirmou essa sentença iniqua, contra o innocente e bom Jesus, que a historia registra com um requinte da perversão humana.

E Elle, cheio de infinito amor, sentou-se no marco fatal. E esse mesmo acendrado amor deixou-o supportar a vista d'aquelle povo tão endurecido e tal cruel.

Viu, então, Christo passar-lhe em tropel pelos olhos, toda a humanidade, desde a sua criação até ao seu fim, sempre má, cega, barbara e ignorante.

E o Filho de Deus querendo que ella se regenerasse deixou-se crucificar dizendo ainda a Seu Pae nos ultimos instantes:

— Perdoae-lhes meu Pae que não sabem o que fazem.

Onde? jámais! igual dedicação, onde, jámais tanto amor?

A humanidade esquece o affecto que mutuo e espontaneamente a si mesmo deve conceder. E, como esse sentimento seria o cadinho que se purificasse, Jesus, lança a base do amor universal, o fundimento de toda a religião christã, a força da vida de toda a humanidade, n'este seu conselho, n'este seu mais puro e dedicado desejo:

— Amai-vos uns aos outros.

AOS PÉS DA CRUZ

Que vastissimos horizontes se abrem ao crente, ao philosopho, ao poeta quando contemplam esse symbolo sacrosanto e augusto da dôr, essa fonte de esperança e de consolação que tanta reverencia tem merecido da varia humanidade — a Cruz!

Salvé! oh! pedestal adorado a que os fracos se amparam, a que os tristes se soccorrem e em que os doloridos buscam refrigerio.

Symbolo consagrado, insubstituivel, tanto impulsionastes em todos os seculos a humanidade crente, os soldados da Cruz que desde o quarto seculo radicaram na sua alma e no seu coração a fé que ella lhes inspirou, e a foram derramando pelo mundo, no divino louvor de Deus e no puro amor da religião christã.

A Divina Cruz no alto dos altares, rodeada piedosamente de frescas flores, perfumada pelo incenso, illuminada por mil lumes; ou elevada aos céos na cuspide da cripta de uma igreja christã; ou exposta na solidão de um adro deserto, na paz silenciosa dos necroterios, quanta extranha emoção se apossa do que a contempla.

Posta, como que perdida, n'um angulo das longas estradas, convida docemente o viandante indefeso a que levante o seu espirito e junto d'ella venha orar. E, quando elle faminto, extenuado, acaba a sua prece e de novo se deita ao destino que demanda, que ineffavel consolação, que deliciosa esperança, que brando calor o acalenta e o aquece.

Extranho poder d'esse symbolo christão, singular e mysteriosa sympathia do coração humano. Esse viandante, imagem de tantos outros, entreve a divina essencia que o revigora e a Deus entrega o cuidado da sua viagem. No ponto da partida tinham-lhe dito uns labios queridos, uma alma amantissima:

— «Deus seja contigo.» E, nos adeuzes saudosos que já de longe ainda lhe acenavam, ia envolta essa mesma supplica.

Agora, caminhamos por outra estrada, ainda que a da vida sendo para todos a mesma, nem a todos offerece eguaes perigos.

E' no alto mar, onde a morte se apercebe a cada instante, que na sua rude faina está n'um mesmo barco, uma familia inteira, uma campanha fraterna no labor da sua industria. Ventos contrarios, ondas impetuosas parecem querer tragar o fragil barquinho que, como doido, em impulsos de instincto de conservação se deixa elevar ao cimo da vaga revolta que ameaça envolver aquellas vidas. Não obedece ao leme, dura a lucta longas horas e os pescadores não podiam voltar como de costume, n'aquella tarde, á praia que de madrugada tinham deixado. Antes de embarcarem ajoelharam aos pés do crucifixo que se eleva na praia, como uma esperança e como uma promessa. Contidos na bondade Divina, eis os dirigindo-se para o mar largo onde os surpreendeu a tempestade. Longe de um porto em que possam achar abrigo, só esperam que Deus se amerceie d'elles.

Lá, na praia de onde partiram, um coração amante palpita mais, cheio de dor e de incerteza. E' a mãe dos marinheiros, a esposa do arraes, que comprehende todo, o perigo, porque o adivinha,

POESIAS DIVERSAS

TEXTO

VERSIONE

MATER DOLOROSA

MATER DOLOROSA

Quando, Virgem, diviso teu semblante
Tão cortado de pranto e de amargura,
Sumido em mar de dô, torvo e espumante,
O eterno sol da tua formosura,

Quando, o Vergin, contemplo il tuo semblante
Così smunto per pranto ed amarezza,
E veggio immerso in duol fier, penetrante,
L'eterno sole della tua bellezza,

Quizera até morrer; mas n'esse instante,
Cheio de pejo, cheio de tristura,
Por fugir esse olhar dilacerante
Cuido pequena a propria sepultura.

Bramerei di morir; ma in quell' istante,
Pien di vergogna, pieno di tristezza,
Per fuggire quel tuo sguardo straziante
Parmi ch' abbia il sepolcro poca impiezza.

Abysmos de peccado uma só baga
De teu chorar benedicto extingue e paga.
Mas nossa culpa, ó doce Mãe gemente,

Abissi di peccati e d' opre indegne
Solo una goccia del tuo pianto spegne.
Ma nostra colpa, o pia Madre gemente,

Na dor que te esmorece é tal, tamanha,
Que mal basta a apagar a essa torrente
De amargo pranto que teu rosto banha.

Nel dolor che ti opprime é così magna,
Chea estinguerla mal basta quel torrente
D'amaro pianto che il tuo volto bagna.

Jose de Sousa Monteiro.

Prospero Peragallo.

(Entalhos e Camafeos — pag. 69.)

DIVINO PASTOR

Esta forma de adorar a Jesus Christo sob a humildade do pastor, tem tanto de humana como de divina. E' humana porque assim vemos no Divino Pastor o homem Deus. E' divina porque só o infinito amor de Deus permitiria o descer até a terra a pastorear o ingrato rebanho que se chama humanidade.

Este pastor e este rebanho de que falam figuradamente os livros sagrados, importa o grande amor de Deus e do proximo base de toda a sublime doutrina christã.

Elle o Deus dos Ceus e da Terra, dos imperios e dos exercitos, não teve duvida de tomar a humildade do pastor para arrebanhar as suas ovelhas, para caridosamente as pastorear, desviando-as dos perigos e encaminhando-as na estrada da celestial Jerusalem por onde as conduz com desvelado amor a Salvação.

O Divino Pastor! Quanta caridade envolve esta figura de Christo pastoreando pela terra, levando a suave luz da sua doutrina ao espirito entenebrecido dos homens. Ensinando-lhes o amor de Deus e do proximo, unico meio de chegar a felicidade por que o mundo anseia.

Entrae no rebanho do Divino Pastor que, por mais desgarrado que andeis, elle vos acolherá com o seu infinito e eterno amor.

Amal-vos uns aos outros e alcançareis a felicidade que procuraes, porque tereis amado a Deus.

VEXILLA REGIS

(Affirmação que compoz este hymno Fortunato Bispo Pictaviense, como diz Baronio).

Bandeiras do Rei se mostram,
Brilha da Cruz o mysterio,
Na qual perece a vida,
E nos deu, morrendo, a vida,
A qual ferida com ponta
De lança tão penetrante,
Para nos lavar das culpas,
Derramou agua com sangue:
Cumprido está o que canta,
David no Psalmo, que cremos,
Dizendo a todas as gentes:
Deus reinou sobre o madeiro.
Formosa arvore, e luzida,
Com sangue do Rei ornada,
De tronco digno escolhida
De tocar tão santos membros,
Sacrosanta, em cujos braços
Pendeu o preço do mundo,
Feita balança do corpo,
A preza tirou do inferno.
O Cruz, só nossa esperança
Em tempo tal da Paixão,
Augmentae a graça aos justos
Risca aos réos os peccados.
Os anjos todos vos louvem,
Trindade fonte saudavel;
Aos que daes a vencimento
Da Cruz augmentae o premio.

Amen.

PANGE LINGUA

(Do mesmo author Fortunato Bispo).

O' Lingua canta a corôa
Da guerra gloriosa,
E sobre o trophéo da Cruz,
Nobre triumpho narra,
Como o Redemptor do mundo
Vence o sacrificado,
Do Pai primeiro enganado
Então Deus condoído,
Quando morreu da comida
Do pomo, que lhe fez mal,
Elle então marcou o lenho,
Para a perda restaurar.
Este feito a nós saudavel
A boa ordem pedira,
Que uma arte á outra vencesse
Pelo traidor composta,
D'ali tirasse a mesinha,
D'onde veiu todo o mal,
Quando chegou completar-se
O tempo sagrado emfim,
Do alto Céu foi mandado,
O Filho Deus Creator,
E do ventre Virginal
Vestido em carne sahio
Chora o Menino deitado
No Persepe apertado,
A Virgem Mãe accommoda
O corpo envolto em pannos,
Suas mãos, e pés Divinos
Cinge a faixa apertada,
Tenha a Trindade beata
Gloria sempiterna,
O Pae igual, e seu Filho,
Tambem o Santo Espirito
Todos celebrem o nome,
De Deos um só, e Trino

Amen.

A DOCTRINA DE MONROE

Entre os mais energeticos defensores da celebre doutrina de Monroe occupa, inquestionavelmente, um dos primeiros lugares o capitão Mahan, auctor do «Poder Naval na Historia» e d'outros livros ainda, os quaes todos, mais ou menos, deram já, por assim dizer, a volta ao mundo, e estabelecem uma serie, que é hoje pelos marinheiros considerada como obra classica, Mahan publicou, recentemente, em uma revista norte-americana — *Harper's Review* — um desenvolvido artigo, em que attaca a questão de frente, — e sem preambulos nem reserva.

Não visa o artigo, de certo, a esclarecer as nações europeias acerca da attitude que deverão assumir, nas suas futuras relações politicas com os Estados-Unidos: vae mais longe, o auctor incita a sua nação a augmentar consideravelmente a marinha de guerra, verdadeiro meio, diz elle, que os Estados-Unidos devem, quanto antes, adoptar emfim de se habilitarem a sustentar eficazmente as obrigações que lhes são impostas pelo novo papel que terão de assumir.

Logo desde o exordio do seu artigo, Mahan declara que as condições de vida, quer economica, quer politica, tendem a transformar-se rapidamente, por todo o Universo, e que o poder naval, na extensão mais lata do termo, terá d'andar, d'ora avante, estreitamente associada a taes condições; não como causa, ou mesmo como resultado, porem como feição característica de actividades nacionaes que, dentro em pouco, deixarão de ser absolutamente internas, para se tornarem internacionaes e que, pela sua vasta expansão, hão de vir frequentemente a manifestar-se a grandes distancias, e a adoptar por centro commum o vasto Oceano.

É evidente que, em taes circumstancias, os Estados-Unidos terão de pôr de parte a sua politica tradicional de abstenção e neutralidade. Já lá vão longe os tempos de Jefferson, a republica norte-americana já não é essa nação isolada e pouco importante, e o dilemma em que as actuaes condições a collocam pode muito bem parecer-se com esse, que tantas preocupações causou a Jefferson e ao seu auxiliar Monroe. — A grande republica, d'então para cá, cresceu e engrandeceu-se de modo prodigioso — a face do mundo civilizado transformou-se, economica e politicamente. O oceano, hoje como outr'ora, o grande meio de comunicação internacionai, é actualmente transposto com rapidez e certeza taes, que as distancias desapareceram, e o mundo, portanto, é como se fosse mais pequeno. As distancias encurtaram, é certo, mas nem por isso deixaram de ser distancias e distancias de mar: ora, como para decidir casos de influencia politica é indispensavel atravessal-as, uma boa esquadra é pois o unico meio eficaz de que uma nação grande se pôde valer para, em caso de necessidade, projectar o seu poderio alem das praias ou das arribas do seu litoral.

O capitão Mahan expõe, gela seguinte forma, a sua edição da celebre doutrina: —

A declaração de Monroe, foi, diz elle, na sua applicação primitiva, uma confissão implicita de que existiam para a America perigos de complicações com a Europa, relativas aos seus interesses externos, em condições muito menos aptas, porém, a provocar a attenção e o interesse das nações da Europa, do que as que actualmente se manifestam e vão tomando successivo incremento.

São factos bem recentes a intervenção dos norte-americanos nas questões de Venezuela e de Cuba, e a sua manifesta má vontade com respeito ao canal de Panamá, o que significa que a importancia das successivas questões tem subido de ponto, e a par d'ella se tem accentuado cada vez mais o exclusivismo *monroista*, o qual hoje galgou já ao ponto culminante, e acabará por impellir os Estados-Unidos a assumirem o papel de grande potencia maritima no Oceano Pacifico, e a emprehenderem a ruptura de um vasto canal, que lhes facilite mais commodamente e mais facil comunicação entre as suas costas banhadas pelos dois Oceanos. — O dogma accommodando-se, pois, com notavel elasticidade as circumstancias e suas successivas variantes, fiz com que os Estados-Unidos se considerem com direito, não só de exercerem totêa politica sobre todas as outras nacionalidades dos dois continentes americanos, como tambem de intervirem, opportunamente, em sua defeza.



MATER DOLOROSA

Isto assente, são pois bem fáceis de prever os casos em que os Estados-Unidos se poderão julgar obrigados a tomar a iniciativa. A força das circunstâncias, diz Mahan, impoz à grande nação a necessidade que o norte-americano, no seu senso absolutamente pratico, reconhece, quasi com unanimidade, de garantir aos estados menos poderosos da America, embora com antecedentes de raça ou de politica diversos dos seus, ampla liberdade de se desenvolverem politicamente, em harmonia com os elementos proprios, sem admitirem, seja qual for o pretexto, a intervenção de governos extranhos aos dois continentes americanos.

A attitude está, pois, definida; e é tanto mais perigosa para os interesses europeus, visto como os americanos a não assumiram por motivos de philantropia politica, mas sim no intuito de evitarem, por todos os modos e maneiras, que os seus interesses venham a ser affectados por qualquer intervenção estrangeira. — A moral do caso é, pois, a seguinte: — O consideravel augmento das forças navaes da União, visto como, opina o auctor, uma vasta e potentissima esquadra, cuja esphera de acção é, já se vê, a guerra, será em taes casos o unico factor politico verdadeiramente importante, e o unico eficaz para manter nos Estados-Unidos a sua preponderancia politica nas questões internacionaes, referentes a dominios americanos, — e tambem, pela sua força, a melhor garantia da paz.

Querem-n'o mais claro? — Ora vejam como vae longe a doutrina de Monroe, e até que ponto ella tende a impellir o grande povo democratico a imitar essa politica intervencionista europeia de tão contestavel moralidade, da qual offerecem exemplo bem tristemente recente os negocios politicos do Oriente, e cujo resultado se pode ler em caracteres de fogo e sangue, ainda hoje, na Armenia, na Macedonia, no Egypto ou na Abyssinia.

Diga se, porém, em honra do povo americano, que semelhante programma, repudiando ostentamente quaesquer razões de philantropia politica, e cynicamente baseado apenas em questões de interesses immediatos e egoistas, não só conta numerosos dissidentes entre os norte-americanos

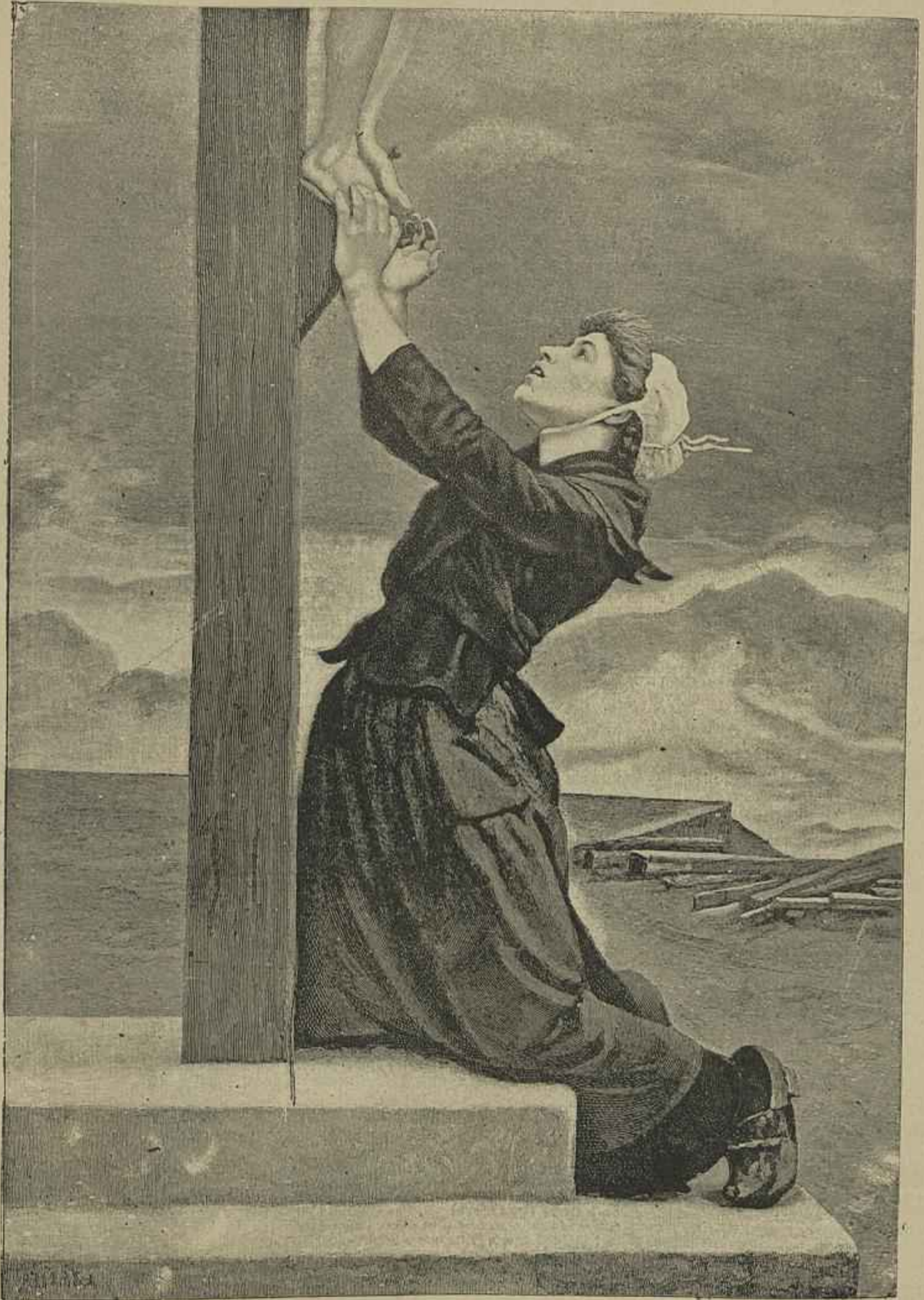
como tambem tem sido objecto de energicos protestos, nos Estados-Unidos. — Será curioso approximar, confrontando-os, o trabalho, aliás valioso, de Mahan e os resultados da experiencia pessoal do viajante americano R. H. Davis, já hoje celebre pelos seus escriptos acerca das republicas da America Central, um dos quaes figura no *magazine* já citado, a par do trabalho do capitão Mullan.

Essas taes republicas, escreve Davis, apenas o são em nome; e qualquer viajante estrangeiro, dentro dos limites, por exemplo, dos territorios de Honduras, ver-se ha, de continuo, perseguido por tão insistente espionagem, que nem qualquer correspondente jornalístico o seria tanto na Sibéria. Succedia-me, a cada passo, ter de declarar por escripto, duas vezes, no mesmo dia, os nomes dos meus servicaes e carregadores, isto, por exigencias, quer policiaes, quer aduaneiras — e sempre que tivemos de pousar em qualquer hotel ou de embarcar em vapor ou barco de transporte, eramos invariavelmente submettidos a um complicado ceremonial de papeletas—recibos, conhecimentos, certidões — etc. e tal — exactamente como se fóramos fardos de mercadorias ou cartas registadas — O proprio indigena não é senhor de transitar pelas ruas depois do escurecer, sem ter de dar, a cada momento, justificação da sua presença ás sentinellas ou aos esbirros policiaes; e a collecção de cartapacios e certificados que recebemos das mãos de *alcaldes*, *commandantes*, *gobernadores*, presidentes — etc.; attestando que eramos pessoas inofensivas — creio que chegaria, á vontade, para forrar uma sala de arrasoada dimensões — Digamos, de passagem, que a unica occasião em que conseguimos circular tão absolutamente á vontade como se transitássemos por qualquer rua de Nova York, foi em Belize, por nos encontrarmos sob a protecção das odiadas instituições monarchicas da Grã Bretanha, mas jámais, em caso algum, enquanto tivemos de percorrer qualquer d'esses desorganisadissimos acampamentos militares, que pomposamente se appellidam de republicas livres.

O cidadão da America Central está actualmente tão apto a viver sob um governo de for-



ECCE HOMO



AOS PÉS DA CRUZ

ma republicana, como o estaria para emprender a exploração do polo arctico; — e, aqui para nós, do que elle precisa, com urgencia, é que o ponham em tutela; — que os Estados Unidos, ou outra qualquer potencia, lhe estabeleça um protectorado: — o que para o norte-americano me parece assaz indifferente, comtanto que lhe deixem livre posse do canal de Nicaragua.

Vi, na capital da Costa Rica, arvorada, em uma praça principal, a estatua da Republica — uma formosa moça pisando nos pés o celebre general Walker, esse temível libusteiro americano. Pois a mim quer me parecer que Costa Rica teria ganho muito mais, se acaso o tal pirata, ou qualquer outro sujeito de pulso firme, houvesse conseguido por-lhe o pé no pescoço, — e fazer d'ella coisa que geito tivesse. — O mesmo direi com referencia ás restantes pequenas republicas.

A alguma distancia das costas, infestadas pelo terrível flagello das febres, a America Central constitue uma admirável região, opulenta e formosissima, abundante de tudo; os povos que a habitam, porém, fazem com que seja apenas um tropéço, uma affronta ás nações civilizadas, e esse aggregado de minimos estados independentes, que do poderio só tem a pompa, e por forma alguma a dignidade, são actualmte, e continuarão provavelmente a ser, um perigo e uma constante ameaça para a paz que deve existir entre as grandes potencias.

O que se hade fazer com esses vastissimos terrenos ainda hoje por desbravar, que constituem tão consideravel porção do globo terraqueo? — Eis um dos problemas que mais interesse inspiram, na época presente, ás nações de maior importancia. Deverão ficar pertencendo áquellas das diversas grandes potencias a que melhor possam convir, e que mais aptas se encontrem a fazel-os valer? — Permanecerão em poder do legitimo possuidor — do indigena — tão manifestamente incapaz de lhe comprehender a verdadeira importancia? — Esses povos da America Central habitam a feracissima região que lhes coube em partilhas, tal qual habitaria um esplendido e bem mobilado palacio uma chusma de semi-barbaros, como taes abolutamente incapazes de lhe avaliarem os recursos, as bellezas, ou mesmo as commodidades. — Ha muito que essa região opulentissima em productos naturaes de toda a especie está á espera que uma iniciativa externa lhe vá lá abrir a grande estrada natural para o trafego de todo o universo. Os lagos de Nicaragua facilitam o corte de uma commoda veréda que virá a poupar dois mezes de trabalhosa viagem em redor do Cabo Horn; e quarenta e oito milhas, apenas, de pantanos em Panamá separam as duas vastas extensões de agua, existentes á face do globo. Fez tanto em taes regiões a mão da natureza, que ao homem pouco resta ali que fazer — mas esse pouco tem de ser levado a effecto por outra especie de homem, que não o indigena da America Central.

Concordam em absoluto com o parecer de Davis as opiniões da maioria dos viajantes que de perto tem estudado taes regiões. O protectorado, porém, conforme o entende o exclusivismo *monroista*, não deve illudir as nações da Europa — a civilização d'aquelles povos nada tem a esperar d'elle — o pandemio politico, as revoluções de tarimba, a ignorancia, a indolencia e a incuria rotineira do indigena continuarão a ser olhados com a mais cynica indifferença pelo pratico *Yankee*. Comtanto que elle, mas elle só, possa explorar em proveito proprio os espantosos recursos de taes regiões, o indigena que se arranje como puder. — *Uncle Sam* o que não quer nem por sombras, e senão, vejam-se os exemplos recentissimos — é que o europeu lá ponha pé: e vae mais longe ainda: «*America for the Americans*,» ao som d'este esribilho, d'esta laconica ameaça, assim que elle se sentir com forças, quantos lá tiverem posto o pé... terão de o tirar de lá para fóra.

P. S.

UM MOTIM NO PORTO

Creado em 1661 o uso do papel sellado, foi no dia 4 de maio d'esse mesmo anno que os officiaes de justiça do Porto receberam ordem de não lavrarem despacho algum a não ser em papel sellado, dando isto causa a não se despacharem varias petições por não irem escriptas n'aquelle papel.

Sabido isto pelo povo, que receiava além d'esse, novos tributos, resolveram os procuradores e mais officiaes do povo dirigir-se a camara municipal, onde o assumpto se estava discutindo, tra-

tando-se ao mesmo tempo da nomeação de uma deputação que iria a Lisboa entregar uma reclamação ao rei.

Entraram os procuradores na camara municipal, ficando do lado de fóra a multidão que os acompanhára e que era composta de mulheres, rapazes e alguns poucos homens e como aquella presentisse que dentro havia discussão acalorada sobre se se devia ou não mandar a reclamação ao rei, e visse fechar-lhe as portas da camara, o que infundiu na população o receio dos seus procuradores serem impellidos a assignarem qualquer papel contrario aos seus desejos, começou a multidão a gritar que lhe abrissem as portas, e como não o fizessem, tratou de as arrombar.

Sahiram então os procuradores aos gritos de «Viva el-rei D. Alfonso e morram os traidores», dados pela populaça, a qual deixando a casa da camara correu logo pela rua da Bainharia abaixo, bradando «Aqui do Povo», o que fez com que a multidão engrossasse.

Esta encaminhou-se logo para o Arco de S. Domingos onde morava o thesoureiro da cidade e em casa do qual havia grande quantidade de papel sellado, começando a apedrejar as janellas e portas da habitação, no meio de grande algazarra.

O thesoureiro assustado por esta manifestação, arremessou á rua, pela janella, todo o papel sellado que tinha, que apanhado pelas mulheres e pelo rapazio foi rasgado com raiva, a unhas e dentes. A populaça cada vez mais irritada, trouxe então molhos de carqueja com a intenção de lançar fogo á casa do thesoureiro, o que de certo teria levado a effecto se não accorressem os frades do convento de S. Domingos, que com palavras persuasivas conseguiram apasiguar o tumulto.

O povo, sahindo d'alli, dirigiu-se a casa do recoveiro Ascenso Dias, quebrando-lhe tambem as janellas e as portas, entregando-lhe aquelle, afinal, todo o papel que possuia, o qual levado nas balanças que estavam no portal, para a Rua Nova, a tudo foi lançado fogo.

A este tempo a multidão era já consideravel, augmentando cada vez mais a furia dos amotinados, os quaes no seu desejo de vingança, encaminharam-se para casa do juiz da alfandega, que morava junto a Mizericordia.

Aquelle funcionario porém estava ausente, suppondo-se que tivesse fugido aos primeiros alarmes da revolta, e não só por este facto como tambem por elle ser parente de Gaspar de Abreu a quem o povo designava como author da vinda do papel sellado, os amotinados entraram na casa, procurando-o com o maior cuidado, mas como não o encontrassem, depois de fazerem em estilhaços as janellas foram-se aos moveis e ao mais que encontraram arremessando tudo á rua, incluindo ricos objectos de baixella e grande numero de documentos de importancia, não escapando inclusivamente um barril de vinho, que o rapazio enchendo os chapéus, lançou das janellas sobre a multidão, ficando em pouco tempo tudo despedaçado e destruido.

No entanto, avisado o cabido, do que se passava, sahiu este da Sé processionalmente, levando o provisor o SS.^{mo} Sacramento, indo no prestito muitos ecclesiasticos e varias pessoas, todos com o intuito de tazerem abrandar a sanha popular que ameaçava exceder-se em depredações, pois que os amotinados, cansados de destruir tudo o que havia em casa do juiz da alfandega, intentavam lançar fogo ao predio pelo lado do quintal, onde havia um palheiro, sendo dissuadidos d'isso por lhes dizerem que incendiada a casa arderia tambem a Mizericordia, tratando então de apagar o fogo que já começava a lavar.

A populaça, deixando a casa do juiz da alfandega, foi á do corregedor da comarca, afim de lhe entregar a provisão regia. O corregedor atterrorizado, esperou os amotinados á porta e entregou-lhes a provisão, dizendo que *tambem era povo*, ao que aquelles responderam, rasgando lhe na cara a referida provisão.

Feito isto seguiram para casa do governador, quando depararam no largo de S. Bento das Freiras com o Santissimo. A muito custo os dissuadiram de passar adiante, conseguindo que retrocedessem pela rua dos Canos até á Mizericordia, onde ficára ainda uma parte da populaça, a qual não vendo entre os primeiros o procurador Luiz da Silva, começou a gritar que o Sacramento não passaria enquanto não lhe fosse entregue o mencionado procurador e com tal persistencia mantiveram esta resolução, que o Sacramento esteve mais de hora e meia á porta da Mizericordia.

Vista esta attitude, foram a casa do chanceller, que acompanhado de uma parte dos amotinados se dirigiu á cadeia afim de vér se lá estava o procurador.

Os desembargadores receiando quaesquer ex-

cessos dos populares, fugiram desnorreados, com esposas e filhos, mettendo-se no convento de S. Bento dos Frades, os quaes, por seu turno, temendo que lançassem fogo a convento, sahiram tambem com o Sacramento até ás portas da Victoria, no intuito de abrandarem a furia do povo, mas não encontrando já ninguém, regressaram ao mosteiro.

Vendo os populares que o procurador não estava na cadeia, voltaram com o chanceller, que se fizera acompanhar do carcereiro, para a porta da Mizericordia, vindo este ultimo para dar satisfação aos restantes amotinados que alli continuavam a permanecer.

No entretanto estes persistiam em deter a passagem do Sacramento, apesar do chanceller, tendo subido com o carcereiro á janella do pobre juiz da alfandega, asseverar sob sua palavra que o procurador não estava na cadeia, como o podia attestar o proprio carcereiro, a quem trouxera como refens, e de uma pratica feita da mesma janella por frei Manoel Carvalho, que procurava convencer a multidão.

Em consequencia d'estas declarações, os amotinados correram então a casa do governador, que mais morto do que vivo, sahiu á rua com um crucifixo nas mãos e acompanhado de pagens com tochas acesas, declarando que o procurador estava no Collegio dos Grillos. Apesar d'esta declaração a populaça quebrou lhe as vidraças á pedrada, batendo algumas das pedras no proprio governador que estava acompanhado por Luiz de Valladares, a quem um dos amotinados chegou tambem a ameaçar com um machado.

O povo dirigiu-se ao collegio, cuja portaria tratava já de arrombar, quando esta lhe foi aberta, não deixando o porteiro de levar uma fouçada na cabeça. Entrando em tropel, principiou a percorrer as cellas, cuja mobilia ia danificando, até que lhe foi entregue o referido Luiz da Silva, que se disse ter sido mandado para alli preso pelo governador, para de noute o passarem para a outra banda e o enviarem á côrte.

Finalmente trazido o procurador entre varios religiosos e o povo até á Mizericordia, foi geral o contentamento, a ponto dos membros do cabido darem uma tocha ao mencionado procurador, bem como aos demais officiaes do povo, levando-os entre si no acompanhamento do Santissimo Sacramento, seguido pela maior parte dos amotinados, tomando então parte no religioso cortejo os frades franciscanos, dominicos e gracionos, com as respectivas cruces. A procissão seguiu pelas ruas dos Mercadores e Bainharia até á Sé, onde recolhido o Sacramento, a populaça acompanhou todos os procuradores, até deixar cada um em sua casa, ficando depois d'isto tudo serenado.

No dia seguinte, constando ao governador que estavam combinados muitos ecclesiasticos, para á noute, promoverem segundo motim, mandou chamar o provisor do bispado para elle pôr cobro a tal intento, respondendo este que tratasse o mesmo governador de apasiguar o povo, que elle faria o mesmo quanto aos clérigos.

Effectivamente á noute sahiu o provisor com o escrivão da camara Martinho de Mattos e mais officiaes ecclesiasticos com alguns clérigos, a rondar a cidade, encontrando tudo em socego e recolhendo depois da meia noute.

Os amotinados, além dos destroços acima apontados, investiram com outras casas, como por exemplo com a de um tal Corinho, concuda, a quem quizeram lançar pela janella fóra, com a do cunhado de Gaspar de Abreu, etc.

D'este tumulto foi mandada tirar devassa pelas justias de el-rei, sendo castigados alguns delinquentes, e suspensos inclusivamente, dos seus exercicios, diversos procuradores do povo e até vereadores da camara por suspeitos de se terem manifestado a favor d'aquelle movimento popular.

Manoel M. Rodrigues.

PORTUGAL EM 1760

Cartas Familiares
de José Baretti, traduzidas do italiano

IV

Lisboa, 1 de setembro de 1760, á noite.

Acabara de ser levado da praça o ultimo touro, quando me picou uma grande curiosidade de ver de perto um soberano, cujo reinado tem sido já bastante fecundo em successos extraordinarios; pelo que, antes que a turba se movesse, parti lo-

go do meu camarote, e tendo percorrido, pela parte de fora, metade do ambito da praça, fui postar-me de alcateia para ver bem Sua Magestade com a minha luneta. Notei que á entrada do camarote real se erguia uma armação de taboas, especie de vestibulo, e debaixo d'ella estava o carro de Sua Magestade, tirado somente por uma parrelha de mulas pretas como tinta de escrever, e na porta do vestibulo estavam só quatro dos seus guardas a cavallo, muito mal vestidos. Este era todo o sequito ou a corte, como usa dizer-se, de um senhor que, a respeito de riqueza, só é inferior ao grão mogol.¹ Uma cousa, porém, que ainda me parece mais extraordinaria foi que ninguém d'entre o povo, que já descia em tropel do amphitheatro, mostrou curiosidade de ver o soberano, o que talvez não succede em outro paiz do mundo. O senhor Eduardo e eu fomos os unicos espectadores que mostraram e tiveram curiosidade de ver um rei; e o nosso desejo foi tambem frustrado, porque elle, tendo descido a escada com seu irmão e genro D. Pedro, subiu para o carro, correu as cortinas da frente, e o boleeiro esporeou o seu macho, fustigou o outro, e desapareceu co-o um relampago, deixando o vosso curioso irmão de cara á banda. Perguntei depois a muitos inglezes se, quando o rei sabia de carruagem, cerrava sempre as cortinas da frente, como então havia feito; responderam-me que não, e que até anda sempre á vista, de maneira que toda e qualquer pessoa que desejasse vel-o o poderia fazer á sua vontade, e por isso n'outra qualquer occasião poderei satisfazer este capricho. Tendo perdido a parada com o rei, tornei atraz apressadamente para ver a rainha e suas filhas, mas logo me detive os passos um grupo de damas, todas sem aquinhãs; uma d'ellas, joven e bella, estava muito lindamente vestida. Pelo respeito devido ao sexo, parei, não querendo passar por entre ellas, e não podendo ir de roda nem para deante, por não m'o permitir a agglomeração das carruagens e de outros vehiculos, que não me deixaram dar mais um passo. Fiquei, pois, mesmo ao pé de uma d'ellas, senhora dos seus quarenta annos ou pouco mais. Vestida de seda cõr de castanho, não tinha os cabellos penteados tanto em fórma de pyramide como as suas companheiras mais novas. Cobria-lhe o collo um lenço preto, e tinha nas orelhas uns pingentes de algum valor, porém mais nenhuma outra joia na cabeça e no corpo; os braços guarnecidos de rendas inglezas, com muitas voltas e em festões; meias brancas; sapatos de peluche preto, segundo me pareceu; feições bastante regulares; olhar de freira, e a carnacão algum tanto trigueira, como que queimada do sol. Foi esta a unica do rancho que pude examinar dos pés até a cabeça, sem o auxilio de luneta, tão perto estava de mim. Apenas a tinha registado na mente, eis que chega um carrinho puxado por seis mulas com logares para quatro pessoas, não como os nossos, mas voltados para deante, como se dissessemos dois canapés, de costas um para o outro. N'elle entraram quatro das sete ou oito damas ou quantas eram; primeiramente a sobredita, outra mais ricamente adornada, com muitas joias, depois outra no segundo canapé, a tal formosa lindamente vestida, e á sua esquerda uma velha que talvez tivesse nascido branca, mas a quem os annos e o ardor do sol tinham mais do que medianamente denegrido. Depois de bem sentados, os boleeiros tocaram os animaes, e o carro partiu seguido por seis soldados de cavallaria, muito mais bem vestidos que os da guarda do rei. Mas, sabeis vós, senhores meus, que aquella dama de quem estive tão perto, e a qual sem nenhum constrangimento havia tanto á minha vontade retratado com o pincel dos olhos, era a senhora rainha de Portugal em corpo e alma? Digam lá o que disserem, quando o soube um momento depois, julguei cahir das nuvens, não tendo observado que um só dos circumstantes desse signal, parando, de que esta era a soberana! A dama que se sentou á esquerda era a princeza do Brazil, casada. A bella que tomou lugar adiante era outra das suas filhas, e a velha uma das suas damas principaes. Em outro carrinho foram as outras duas suas filhas, acompanhadas por duas damas de idade avançada. Cogitando hoje sobre o pouco cuidado que os portuguezes mostram de ver os seus principes, todas as vezes que o podem fazer sem incommodo, conclui que não é facil decifrar este insolito phenomeno do coração humano. Os homens são habituados desde que nascem a ouvir

elogiar os seus principes e, desde a meninice, sempre instigados a amar-os e a venerar-os; e, se qualquer accidente não se oppõe a esta especie de natureza que adquirem de os amar e venerar, assim o fazem toda a vida, e consequentemente procuram ver e contemplar os objectos do seu amor e da sua veneração. Para que em Portugal se dê o contrario do que succede em todos os outros paizes do mundo, ou pelo menos, da Europa, os philosophos que meditem e resolvam este caso, porque a mim me fallece o animo para tanto, como recémchegado a Lisboa, e, por consequencia ignorante da educação que esta gente recebe desde a infancia, que é porventura tal que inspira ás suas almas um respeito pela real familia, igual ao de certos povos do Oriente, dos quaes se conta que não osam jámais encarnar os seus monarchas, por se considerarem totalmente indignos de tamanha ventura. Recordo-me de que o auctor da famosa *Viagem de lord Anson á roda do mundo* fala de uns chinezes que estavam no mar pescando quando esse venturoso argonauta appareceu na sua costa em um vaso de guerra de sessenta peças, que seria sufficiente para destruir, em caso de necessidade, e reduzir a pó todas as armadas do seu imperador. Aquelles pobres pescadores chinezes não se deram ao incommodo de levantar os olhos para observarem uma construcção de madeira, que devia comtudo parecer uma cousa infinitamente estupenda e digna de ser contemplada, tornada a ser contemplada e recontemplada por quem jámais tinha visto outra semelhante, como acontecia com esses pescadores. E o auctor muito philosophicamente attribue essa absolutissima falta de curiosidade da parte dos chinezes á sua bruta estupidez natural; mas o caso dos chinezes não é em nenhuma maneira applicavel aos portuguezes, os quaes, embora sejam talvez o povo menos culto da Europa, possuem, todavia, incomparavelmente maior cultura do que os idolatras da China; e, pelo que respecta á faculdades naturaes, não são certamente estupidos, antes muito pelo contrario; e depois mostram em todas as occasiões gostar de ver cousas singulares e grandes, como as corridas de touros, as suas magnificas festas de egreja, e outros espectaculos; pelo que resolve o enigma quem poder, que eu por mim não posso, porque não encontrei hoje ninguem no café inglez que quizesse ajudar-me a resolvê-lo; e nem alguém allí me soube tão pouco dizer porque é que o rei e as pessoas da familia real trajam tão modestamente como de ordinario se apresentam, de modo que quem os não conhecer de vista não tem signal nenhum por onde os possa conhecer. Tambem me informaram que el-rei ia a toda a parte absolutamente sem guardas antes de lhe ter succedido o brutal accidente de ser traiçoeiramente assultado e ferido pelo duque de Aveiro. O rei não é apaixonado de luxo, e não quer o tumulto de um sequito numeroso quando sae do palacio; e a rainha, que é muito devota, como são pela maior parte todas as rainhas, é provavel que, por devoção e humildade christã, se abstenha de pompas, e é forçoso que os exemplos de cima sejam seguidos pelo resto dos grandes e dos ricos; e por isso na tourada de hontem não vi trajos, nem equipagens, nem outra cousa em que houvesse ostentação. O serralleiro ou ferrador da casa real devia, porém, ter cuidado em que as ferraduras das mulas não se desprendessem dos cascos das ditas quando Sua Magestade sae de carruagem, como hontem succedeu na ida para a praça a el-rei, que foi preciso que a minha e todas as carruagens que se encontraram no apertado caminho do *Campo Pequeno*, parassem até que se ferrasse novamente uma d'aquellas senhoras mulas que se havia desferrado; desleixo escandaloso de quem tem a inspecção das cavalharias reaes, especialmente das cousas que devem servir á propria pessoa do monarcha. Succedeu um caso semelhante a ultima vez que o rei actual de Inglaterra foi a Harwich para se passar ao Hanover no começo da presente guerra. Tinha havido tão pouco cuidado com a sua carruagem de posta que esta se quebrou passadas algumas milhas, e foi necessario que o insoffrido monarcha tivesse a paciencia de estar n'uma incommoda estalagem, até que a concertassem. Que admiração que as carruagens de posta se escangalhem quando assim o entenderem, e que as mulas percam as ferraduras quando isso lhes der na cabeça, sem as atensões cortezãs, e sem o medo do sobrecenho de uma regia fronte, que temos nós, os miseros humanos, embora sempre julguemos valer muito mais que os carros de posta de Inglaterra ou as mulas pretas de Portugal! Adeus.

A INDUSTRIA DAS TAPEÇARIAS EM PORTUGAL

(CONTRIBUIÇÕES PARA A SUA HISTORIA)

(Continuado do numero antecedente)

Ignoro em que epocha se começou entre nós a trabalhar em tapeçarias com figuras, ramagens e flores, isto é, em *pannos de armar*, no gosto dos que nos vinham do estrangeiro.

N'um dos artigos da interessantissima e já referida serie, intitulada *Curiosidades historicas e artisticas*, é citado *João de Forvestax*, provavelmente allemão, o qual exercia na corte portugueza o officio de *mestre de fazer os pannos de armar*, vencendo annualmente por esse encargo 13:200 réas brancos, desde o começo de 1450.

Uma como estatística de Lisboa, de 1552, que se guarda manuscrita na Bibliotheca Nacional, avalia em 40:000 cruzados por anno a importação de tapeçarias, ao passo que apenas accusa a existencia de tres officinas de tapeceiro, na cidade, com dois officiaes cada uma.

É certo que os tapeceiros tinham no seculo xvi, o seu regimento especial. No *Livro dos regimentos dos officiaes mechnicos... de Lisboa*, reformado em 1572, de ordem do Senado, por Duarte Nunes do Leão, apparece-nos o regimento dos tapeceiros, onde, segundo era regra, se include o programma (como hoje o designariamos) do respectivo exame.

D'esse mesmo documento se deprehende, porém, que no seculo xvi, e anteriormente, não eram numerosos os tapeceiros em Lisboa, e que as indicações da estatística citada, com as quaes mais ou menos concordam as de outra estatística da nossa capital na mesma epocha,—mas essa impressa (o *Sumario... de Lisboa*, de Christovam Rodrigues de Oliveira),—não andavam longe da verdade.

Por aquelle regimento, ordenou a camara que o officio dos tapeceiros, até então annexo ao dos tecelões, — *por serem poucos, que por si só não tinham possibilidade para servir a cidade*, — fosse d'ahi por deante regulado como o dos *brostadores*, (bordadores), não só pela semelhança dos dois officios, como tambem por ser o de tapeceiro *mais limpo e de mais primor* que o de tecelão.

Do regimento dos tapeceiros, transcrevo em seguida a parte relativa ao exame, — a que mais interessa pelo lado artistico:

«E todo o que se houver de examinar do dito officio de tapeceiro, quer seja homem, quer mulher, saberá fazer as tintas das cores que lhe forem necessarias para tingir as lãs para a obra do dito officio, a saber: — aquellas tintas que os tintureiros para as taes obras não sabem fazer.

Item, saberá fazer uma teia em um canhamão que lhe será dado pelos examinadores; e isto quando hi não houver buraco no panno de tapeçaria, em que o possam examinar.

Item, saberá fazer um rosto de homem, com uma barba, e um pé e mão nua, e um faldramento de roupa com suas sombras, e assi um leão ou outra alimaria, e uma jarra com seus ramos e folhas e flores...

Parece que os nossos raros tapeceiros se occupavam principalmente em concertos, e em adaptar ao fim especial para que se destinavam, as tapeçarias vindas de fora.

Como exemplo, e por ser, a mais d'um titulo, interessante, vou transcrever o seguinte documento:

«Despendeu o thesoureiro Alvaro Lopes dezoito mil duzentos corenta e tres réis, em compra de quinhentas noventa e cinco varas de treu e de trezentas argolas de cobre, com que foram guarnecidos vinte e oito pannos e tres guarda-portas de tapiceria, que Francisco Carnero, moço da camara da rainha nossa senhora, trouxe de Frandes o anno passado de 1552, os quaes pannos e guarda-portas estão cargados em recepta sobre a camareira D. Mecia d'Andrade, ás 13 fol. do livro da sua recepta; e do feito que houveram d'haver Catharina Lopes, tapicera, e Matheus Gomes, corriere de Sua Alteza, por guarnecer os ditos pannos. A saber:

8.925 réis, em compra de 595 varas de treu, a 15 réis por vara, a saber: a 11 réis em branco, e a 4 réis por tengir cada vara de vermelho;
E 3.618 réis, que houve d'haver a dita Catharina Lopes, tapicera, por guarnecer os ditos 28 pannos e 3 guarda portas, nos quaes pannos e guarda-portas lançou duzentas e ãa tira, a rezão de 18 réis cada tira;

E 1.200 réis, em compra de trezentas argolas de cobre, que se compraram de Diogo Fernandes, latoeiro, a 4 réis cada ãa;

E 4.500 réis, que houve d'haver Matheus Go-

¹ Era o Imperador do Indostão, cuja capital foi Delhi. Actualmente, o imperio do grão mogol faz parte das possessões inglezas da India.

mes, corrieiro, por guarnecer de couro, pera parte de cima, com suas argolas, os ditos vinte e oito pannos e tres guarda-portas; os quaes pannos e guarda portas tinham cento e cincoenta covados de guaralção; a rezão de 30 réis o covado, valem os ditos, 4 500 réis. — Em Lisboa, a 25 de setembro de 1553. — 189243. — *Diogo Martins.*

Segue o mandado da rainha D. Catharina (de 2 de janeiro de 1554), ordenando aos contadores de sua casa levem em conta a Alvaro Lopes, seu thesoureiro, aquella quantia, e os conhecimentos ou recibos de D. Mecia d'Andrade, Matheus Gomes, Catharina Lopes e Diogo Fernandes.

Por esse tempo, começam a apparecer, como tapeceiros da casa real, os *Egris*, — flamengos, provavelmente. Eis o que, acerca d'essa dynastia de artistas, se diz n'um dos artigos da serie *Curiosidades historicas e artisticas*:

«O primeiro que nos apparece, incontestavelmente o seu chefe, é Daniel Egris, a quem D. João III mandou dar em 1556, para alugar das casas, seis mil reaes. Na carta em que lhe faz esta mercê, o rei designa-o por seu tapeceiro.

Em 1571, D. Sebastião estipulava-lhe 28 mil reaes por anno, sendo 18 mil para tres moios de trigo, e 10 mil para a compra de lãs e sedas necessarias para o concerto das tapeçarias.

D. Sebastião levou-o na sua primeira jornada a Africa, e a 27 de novembro de 1576, fez-lhe mercê de dez mil reaes por anno, pelo trabalho que teve e serviço que me fez, no concerto dos pannos que se damnificaram na jornada que fiz a visitar os meus logares d'Africa.....

Daniel Egris devia ter fallecido por 1581, por que n'esse anno era concedida a Margarida Venderberque, sua viuva, a pensão de quatro mil reaes por anno, além de um moio de trigo.

A Daniel Egris, succedeu seu filho, Francisco Egris, que, além de tapeceiro, era reposteiro da camara. Tinha de ordenado quarenta e oito mil reaes, conforme ganhava ultimamente seu pae, com a obrigação de comprar á sua custa toda a estofa, seda, lã, agulhas e mais cousas necessarias para o concerto da tapeçaria.

Francisco Egris não exercitou por muito tempo o cargo, pois em 1564 era nomeado para o substituir Miguel Egris de Sousa, seu irmão, cavalleiro fidalgo da casa real, e isto emquanto um dos filhos de Francisco Egris não tivesse a idade e aptidão sufficientes para desempenhar o officio.

Miguel Egris falleceu a 8 d'abril de 1592, e n'este mesmo anno foi nomeado para o substituir Jacome Fixe, com a condição, ainda, de largar o officio logo que Caterina Gilne, viuva de Francisco Egris, indicasse como apto algum de seus filhos. Corria-lhe igualmente a obrigação de a sustentar.

Não podemos averiguar se effectivamente algum dos filhos de Francisco Egris continuou as tradições de familia.

N'outro artigo d'essa mesma serie, veem citados tres tapeceiros portuguezes do tempo de D. Sebastião: — Pedro Fernandes, Manuel Rodrigues e Bento Rodrigues, — todos de Olivença. Revela-nos estes nomes uma carta de perdão, passada em 9 de julho de 1568 a favor de Pedro Fernandes, que fôra condemnado a um anno de degredo para a Africa, por causa de graves questões que tinha tido com os segundos.

(Confinada)

José Pessanha.



Recebemos e agradecemos:

A inscripção lapidar na Rua do Salvador (*Monographia*) por J. M. Esteves Pereira

N'um elegante folheto, publicou a Empresa do OCCIDENTE a graciosa monographia cujo titulo encima esta noticia; esse interessante trabalho já conhecido dos nossos leitores, acha-se á venda no



O DIVINO PASTOR

nosso escriptorio, ao preço de 100 réis cada exemplar. A edição é limitada.

Contemporaneos illustres Fasciculo I, perfil de Miguel Rozario de Quadros. Bombaim — 1896.

Este trabalho devido a penna de um novo escriptor portuguez da India, o sr. J. B. Amancio Gracias, é o primeiro de uma serie que, sob o titulo acima, tenciona esse mesmo sr. publicar em Bombaim, destinada a biographar os vultos portuguezes que melhores recordações e convivencia alli tem tido e deixado.

Considerando que a historia da humanidade é a historia dos seus grandes homens, o sr. Gracias propõe-se a desenhá-los sob todos os seus aspectos, desassombral-os da penumbra em que, por modestia, se escondem, e a retratá-los com justiça, apontando por igual os meritos e os defeitos.

Na verdade, na presente biographia do prestantissimo cidadão portuguez Miguel Rozario de Quadros, o sr. Amancio Gracias, analysa delicadamente e com justiça o seu biographado. O estylo do novo escriptor, que com este livro faz a sua estreia, é elegante, promettendo um litterato de subido quilate.

Le Monde Moderne revue mensuelle illustrée Quantin éditeur. Paris. Février, Mars et Avril — 1896 — Extrait de la Revue le «*Monde Moderne*» Les femmes d'Espagne.

É verdadeiramente admiravel a forma como a bella e luxuosa revista franceza, que noticiamos, prosegue no seu programma.

Esse programma é a cultura do espirito e a vulgarisação dos conhecimentos uteis. Tem por fim dar esclarecimentos geraes acerca de todos os assumptos, especialmente litterarios e artisticos, mas de uma forma eminentemente pratica. Todas as questões de interesse geral e permanente são estudadas com um subido cuidado e explanadas em bellos artigos que muito honram a encantadora revista. Verdadeiramente encantador é o supplemento que o *Monde Moderne* publicou, *Les femmes d'Espagne* no qual reproduz, para oferecer gratuitamente, esse lindissimo artigo a que já nos referimos, e que na península encontrou um verdadeiro successo.

Uma outra qualidade se nota n'esta revista franceza, é que as conveniencias são tão bem guardadas que no seio da familia mais recatada ella oferece uma leitura abundante, variada e seria, sem de todo isso resultar monotona severidade, antes possui uma feição agradável que se accentua com as deliciosas illustrações que acompanham todos os artigos.

Nos numeros que temos presentes collaboram os escriptores mais auctorizados da esclarecida França. A imaginação do leitor é mantida em interesse tanto nas narrações pittorescas e imprevisitas de viagens, como nas descrições scientificas, que muito instruem e delectam.

No numero de fevereiro, somos forçados a distinguir o magnifico artigo sobre as velocidades dos transportes maritimos cujas indicações são verdadeiramente assombrosas; no de março, sobreleva-se de especial interesse o artigo em que se descreve o deslocamento dos grandes blocos na antiguidade; ali se vê a forma como se elevaram ao vertice das pyramides do Egypto aquellas enormes pedras que o constituem. No de abril merece especial menção a descripção das corridas de touros em Hespanha.

A Scena 1.º anno Lisboa. 1896 — Março.

Embora, só tenham sahido tres numeros, esta revista theatral já conquistou as sympathias dos amadores dramaticos a quem é especialmente dedicada. A Scena apresenta uma collaboraçao muito variada.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE» para 1896

Está publicado este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando uma burricada a caminho do Castello da Pena, em Cintra.

PREÇO 200 RÉIS — PELO CORREIO 220 RÉIS

A venda na

Empresa do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 39

¹ Torre do Tombo. *Corp. chronol.*, part. 1, maço 4, doc. 48.